



O JOVENS atores baianos Érico Bras e Aline Nepomuceno interpretam os protagonistas Orfeu e Eurídice na versão que conta com um elenco de 18 atores negros escolhidos em sessões-teste por Aderbal

Pérola negra

Como será a montagem de Aderbal Freire-Filho para 'Orfeu', de Vinicius de Moraes, no Canecão

Luiz Felipe Reis

Aderbal Freire-Filho não se contém. Diante do palco, sentado numa cadeira ou de pé, age como um maestro. A cada cena ou diálogo, seus braços se erguem em movimentos ora expansivos e longos, ora curtos, angulados e nervosos. Aponta para um, chama outro à conversa, indica posições, pede atenção, faz repetir cenas e sobe ao tablado para ajudar o elenco a materializar seu jogo incessante de gestos. Há mais de dois meses é assim. O diretor não para. E, quando para, a ansiedade com a estreia de "Orfeu", nesta quinta-feira, no Canecão, se torna evidente. Assim como a expressão de cansaço em seu rosto e a excitação com o desafio de recriar a montagem clássica que uniu Vinicius de Moraes e Tom Jobim pela primeira vez. Cinquenta e quatro anos após a estreia de "Orfeu da Conceição", num Teatro Municipal ornamentado com cenários de Oscar Niemeyer, Aderbal comanda 18 jovens atores negros na encenação da ópera greco-carioca escrita pelo poeta e musicada pelo maestro da bossa nova.

— Vinicius procurava um compositor para escrever as canções da peça, e foi assim que conheci o Tom. Eles poderiam ter feito o trabalho e nunca mais se encontrado. Hoje sabemos que foi ali que se formou uma das parcerias mais importantes da História da música brasileira — diz Aderbal. — Compuseram para essa peça, e depois dela, verdadeiras obras-primas, como "A felicidade", "Se todos fossem iguais a você", "Lamento do morro"... Além dessas, incluímos

outras canções feitas posteriormente, como "Chora coração", que cabe especialmente numa das cenas. Algumas parecem ter sido criadas para a montagem, e como se fossem uma extensão.

Muito antes da chegada de Aderbal — e das duas encenações realizadas por Haroldo Costa nos anos 90, e da montagem dirigida por Leo Jusi em 1956 —, tudo começou numa noite de verão em 1942. Vinicius de Moraes acabou de chegar à casa do pintor Carlos Leão, ao pé do Morro do Cavalão, em Niterói. Na estante do anfitrião, deparou-se com um libreto da ópera "Orfeu e Eurídice", de Gluck. O poeta não pestanejou. Retirou o livro da coleção e chafurdou na poltrona devorando suas linhas. Da janela ao lado, o morro ressoava uma batucada. Aproximava-se o carnaval. No relógio, passava da meia-noite. E o poetinha, numa única madrugada, destrinchou um rascunho que, às

primeiras horas do dia, lançava-se como o primeiro ato de um "poema em forma de teatro", como hoje classifica Aderbal.

— Orfeu sempre me interessou por causa do negócio do poeta músico, do poeta total, *né?* — relatou Vinicius, em depoimento ao MIS, em 1967. — E, depois, por causa da relação sublime do amor dele por Eurídice. As duas ideias se fundiram. Eu senti o morro negro numa série daqueles elementos. As paixões, a música, a poesia...

Agora com direção musical de Jaques Morelenbaum e Jaime Alem, Orfeu é um sambista que vive no morro. Filho de um músico e de uma lavadeira, acredita ser capaz de vencer todas as adversidades através do poder da música. Ao se apaixonar por Eurídice, acaba por despertar o ciúme e o desejo de vingança em Mira, sua ex-namorada, e em Aristeu, que, apaixonado por Eurídice, decide matá-la no último dia de carnaval. Após descer o morro em busca de Eurídice, já morta, Orfeu retorna à favela, onde é assassinado por Mira e por outras de suas ex-amantes. Ao contrário de um roteiro de cinema, como os realizados pelo diretor francês Marcel Camus ("Orfeu negro", 1959) e por Cacá Diegues ("Orfeu", 1999), Aderbal não mexe no núcleo original do texto. Prefere destacar a natureza clássica da tragédia deixada por Vinicius, e cria variantes que reforçam o tom dominante da peça.

— Não criei novos personagens, diálogos, cenas ou conflitos dentro do texto, mas construí uma dramaturgia no entorno



Não criei novos personagens, diálogos, cenas ou conflitos dentro do texto, mas construí uma dramaturgia no entorno

Aderbal Freire-Filho, diretor



Tive que transportar o meu corpo e a minha arte para a atmosfera musical e da cultura negra do Rio, que é bem diferente da baiana

Érico Bras, ator

a peça tinha um coro e um corifeu. O coro agora são os amigos do poeta, e o corifeu é o poeta. Criei diálogos e cenas para esses amigos. Boa parte do que o poeta diz são versos do Vinicius. Pus em cena sonetos, canções e diálogos nos espaços onde a peça permite. São intervenções que dialogam com o original, mas não o modificam.

Na encenação, nomes poucos conhecidos do grande público despontam como protagonistas. Cada vaga no elenco foi conquistada durante um longo processo, entre as sessões-teste, realizadas há três meses, com atores de todo o país, e os ensaios, nos quais o diretor pôde avaliar o perfil de cada um.

— Para Orfeu, precisava de um ator com energia e poder de sedução. Um ator forte e potente. Capaz de mostrar que pode vencer tudo através da música. Que irradiasse esse poder e mostrasse uma sensibilidade, uma presença artística e uma aura poética — de-

fine Aderbal. — Já para Eurídice, a juventude era fundamental. Não a pureza, o aspecto virginal, casto... Mas, sim, o jeito maroto, a alegria da juventude.

Formado no Bando de Teatro Olodum, e visto recentemente no longa "Quincas Berro d'Água", Érico Bras encarna a potência da aura poética de Orfeu. Enquanto Aline Nepomuceno, atriz baiana que protagonizou a primeira e a segunda temporadas da minissérie "Ó pai, ó", interpreta Eurídice. Não é a primeira vez que esses jovens atores baianos se encontram. Mas é, sim, a primeira vez que ambos mergulham fundo na poética do "branco mais negro do Brasil".

— Quando soube que iríamos fazer o casal, pensei: "Estou em casa" — brinca a atriz, que já trabalhou com Érico em "A grande família" e em "Ó pai, ó". — Tudo entre nós flui de forma muito verdadeira, sem pudor. E agora estamos construindo juntos mais essa história.

Érico Bras completa: — Vim da Bahia e pude mergulhar por inteiro na obra de Vinicius, que conhecia, mas não havia absorvido tão intensamente. Entendi profundamente a sua relação com o morro, com a beleza do negro, com as diversas formas de amar, com o poder da música e com o jogo entre a vida e a morte... Tive que transportar o meu corpo e a minha arte para a atmosfera musical e da cultura negra do Rio, que é bem diferente da baiana. É literalmente um prazer estar num elenco de negros cariocas e baianos que estão juntos para redescobrir a essência do "Orfeu" idealizado por Vinicius, que parte do mito grego e segue até o Orfeu das favelas de hoje. ■